



ROSANVALLON, Pierre. *O século do populismo: história, teoria, crítica*. Tradução: Diogo Cunha. – 1. ed – Rio de Janeiro: Ateliê de Humanidades Editorial, 2021. 387 p.

Edson Lugatti Silva Bissati

Instituto de Estudos Sociais e Políticos-IESP-UERJ

Doutorando em Ciência Política no Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IESP-UERJ)

edbissati@outlook.com

Robson Vitor Freitas Reis

Instituto de Estudos Sociais e Políticos-IESP-UERJ

Doutorando em Ciência Política pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IESP-UERJ)

robsonvitor@gmail.com

No livro de Pierre Rosanvallon¹, dentre suas mais variadas contribuições para a esfera da teoria e da ciência política, pensar as consequências institucionais do populismo ocupa lugar central em sua reflexão, como também esboça a preocupação com a questão democrática no mundo contemporâneo. Em sua perspectiva, o populismo revoluciona a política do século XXI. Desse modo, o teórico não se interessa apenas em analisar a natureza do populismo, mas, sobretudo observar o seu recrudescimento como parte de uma problemática que se encontra nas instituições políticas e no espaço público. Isso passa pela necessidade de reconhecer o populismo como uma ideologia ascendente no presente século.

A reflexão desenvolvida pelo teórico rompe com duas linhas interpretativas – amplamente aceitas em círculos no universo acadêmico – que se debruçam sobre o fenômeno e o conceito de populismo. Por um lado, se distancia de análises rasas e deterministas – sobretudo de autores do *mainstream* liberal –, que não só concebem o fenômeno como um agente unicamente nocivo ao ambiente democrático, mas também, que fazem o uso do conceito de maneira unívoca para acontecimentos políticos forjados em contextos sociais diversos. Por outro, tenciona perspectivas situadas mais à esquerda – como as de Ernesto Laclau, Chantal

¹ Rosanvallon é catedrático de História Moderna e Contemporânea da Política no Collège de France. Suas pesquisas se centram principalmente no campo da teoria política.

Mouffe e Nancy Fraser –, que enxergam o populismo como um vetor para políticas democráticas mais diretas e supostamente emancipatórias, além de conceberem determinados movimentos e lideranças populistas de esquerda como legítimos aglutinadores de múltiplas demandas populares.

Dito isso, dividido em três capítulos², além da introdução e da conclusão, a saber: Introdução: Pensar o populismo, 1. Anatomia; 2. História; 3. Crítica. O livro traça um diagnóstico robusto sobre um dos principais aspectos da política moderna. Além de fornecer elementos essenciais para o entendimento dos dilemas que a democracia vem enfrentando atualmente. Na introdução³, Rosanvallon apresenta a importância de se debater, estudar e fazer o uso do conceito com o intuito de compreender as raízes do populismo. No entanto, ressalta que dada a vastidão de trabalhos e análises que buscam caracterizar o populismo, é pouco trabalhado a sua teoria, ou seja, as premissas que alicerçam sua existência na vida política. Diante disso, é importante não só escapar dos amálgamas simplificadores sobre o fenômeno, como também entendê-lo a partir de sua multifacetada constituição. Logo, o populismo para Rosanvallon (2021, p. 42) “respondeu, ao mesmo tempo vaga e permanente, a necessidade sentida de utilizar uma nova linguagem para qualificar uma dimensão inédita no ciclo político que se abriu na virada do século XXI”. Ao propor uma reflexão mais abrangente sobre esse tema, o autor está inserindo densidade analítica a um conceito que na literatura contemporânea tem sido amplamente mobilizado, mas escassamente trabalhado com o rigor teórico necessário.

No capítulo inicial, é explorado cinco características elementares que circundam e constituem o fenômeno, sendo elas: Uma concepção do povo: o povo-Um; uma teoria da democracia: direta, polarizada, imediata; uma modalidade de representação: o homem-povo; uma política e uma filosofia da economia: nacional-protecionismo; um regime de paixões e emoções (Rosanvallon, 2021). Essas características – que brevemente serão descritas a seguir –, se constituem não apenas como modelos explicativos, cujo objetivo é analisar as diferentes formas de ação política populista. Mas, ao trabalhá-las, Rosanvallon pavimenta ferramentas analíticas e até metodológicas, capazes de fornecer ao leitor, e principalmente aos pesquisadores do tema um olhar mais preciso para as dimensões que constituem o fenômeno em questão.

A primeira característica, denominada de uma *concepção de povo*, é descrita como ancorada na dicotomia política entre o “nós” e “eles”, porém, o autor amplia tal descrição,

² O livro ainda conta com uma introdução escrita pelos professores Diogo Cunha e Christian Lynch e o prefácio à edição brasileira, escrito pelo próprio autor.

³ Rosanvallon explicita também o que chama de anatomia do populismo e a conformação de seu “tipo ideal” ou “ideal-tipo”.

pensando-a através das noções de povo-corpo cívico e o povo-corpo social, de modo que, em suma, no populismo, o entendimento de povo se fundamenta numa perspectiva do político, que se sobrepõe a perspectiva social, plural e mesmo econômica. A segunda seria uma teoria populista da democracia, que se caracteriza por um certo entendimento de democracia direta que enxerga no momento eleitoral a real encarnação da vontade do povo, o que, logo, a faz ser refratária de instituições intermediárias de poder, como supremas cortes e parlamentos, buscando assim controlá-las ou então destituí-las em prol de uma pretensa “soberania popular”. Rosanvallon apresenta exemplos concretos dessa segunda característica na política contemporânea, seja de atores políticos à esquerda como Hugo Chávez, Jean-Luc Mélenchon, ou à direita como Viktor Orbán, Vladimir Putin, Donald Trump, dentre outros.

A terceira característica é a ideia populista de representação. Tendo como base a noção do homem-povo, ou seja, o líder entende ser o legítimo e único representante da população ou de sua maioria. Neste tópico, o autor também analisa a maneira como tais lideranças (acima mencionadas) fazem uso dessa narrativa para ampliar seus poderes. No que se refere a quarta característica, calcada no nacional-protecionismo, o autor demonstra como a reivindicação populista de proteção da economia nacional perpassa a mera linguagem econômica, pois a reivindicação se dá na ideia de proteção a soberania dos cidadãos “nativos” supostamente ameaçada por estrangeiros ou pela globalização. Novamente, Rosanvallon ressalta que tanto na esquerda como na direita, essa característica se faz presente nas experiências populistas do passado e da atualidade. Já a última característica é o regime de paixões e emoções, cujo mote são as formas como os sentimentos e as emoções são mobilizadas na retórica e no *modus operandi* populista. Nesse sentido, para além de uma mera performance discursiva inerente à prática política habitual, o teórico argumenta que os atores do populismo souberam melhor trabalhar os afetos junto ao eleitorado, ensejando assim, acalorados embates no espaço público.

Por mais espantoso que possa parecer, o mergulho em tais caracterizações, revela ao campo das ciências sociais como um todo, a necessidade de ser levado em conta, os aspectos mais prosaicos da linguagem política. Isso significa dizer que é no território do discurso banal, que os agentes do populismo preenchem suas visões de mundo, aglutinando apoiadores, desvirtuando preceitos institucionais, e por consequência catalisando retrocessos no seio de nossas democracias.

Feita toda essa incursão e com base nela, Rosanvallon aborda o que há e o que não há em comum nos tipos de populismo, sobretudo a diferença do populismo de esquerda e o de direita. Dentre os aspectos similares, destaca-se a ênfase na ideia do líder falar em nome do

povo e se colocar como sua encarnação, além de em maior ou menor grau – a depender do país e do populismo em questão – conceberem uma visão de democracia imediata, polarizada e sem intermediações. No que se refere as diversas diferenças, uma é que se no populismo de esquerda existe a ênfase na valorização e na promoção de direitos a minorias sociais, na direita, tais políticas são vistas como danosas e subversivas à ordem e aos valores morais de dada sociedade.

Entretanto, o autor tem percebido que o populismo de direita, ao avançar em determinadas pautas pertencentes historicamente à esquerda, como a questão trabalhista, coloca dilemas profundos nos movimentos e nos ideólogos de esquerda entusiastas da chamada "democracia direta" e personalista. Ao fim e ao cabo, esse aspecto da reflexão de Rosanvallon parece demonstrar que a atração de certos setores progressistas para o populismo pode e tem gerado efeitos indesejáveis no processo político e na sociedade civil organizada.

No segundo capítulo, Rosanvallon trabalha momentos chave na história para compreensão do populismo, especialmente ao pensá-lo na atualidade. Diferindo do que a maior parte da literatura faz ao pensar as origens do populismo, o autor aborda o período do *cesarismo* na França de meados do século XIX, que se caracterizou como uma forma iliberal de fazer política, baseada na retórica de poder do povo encarnado pelo líder e no desrespeito aos mecanismos intermediários de organização institucional, além da forte ênfase no sufrágio e nos plebiscitos, como um período histórico fundamental para o entendimento do que viria a ser o populismo.

Um segundo período desses momentos populistas se deu entre os anos de 1890 e 1914, sobretudo nos Estados Unidos e na França, tendo em vista que emergiram ali outras formas que estruturam o conceito e o fenômeno do(s) populismo(s). A crise política ocorrida na década final do século XIX nos Estados Unidos, ensejou a criação de novas agremiações partidárias, como o *People's Party*, formado por pequenos agricultores escamoteados dos assuntos políticos e posteriormente o *Progressive Movement*, calcado num jornalismo de denúncia, tendo sido caracterizada pela reação e oposição ao modelo democrático e a classe/elite política vigente até então no país. Já na França, com uma economia mundial em expressiva transformação, Rosanvallon analisa como ganharam força através de uma visão nacional-protetionista – que redesenhou as clivagens ideológicas no país –, movimentos que não só denunciavam a corrupção da classe política, como também discursos promovidos por figuras como Jules Ferry, que exaltavam o *bonapartismo* e uma cultura democrática referendaria e direita, avessa, às mediações institucionais.

Um outro caso paradigmático dos momentos populistas para Rosanvallon, é o caudilhismo latino-americano, que tinha como mote central a figura do líder que dizia falar e

governar em nome do povo e contra as elites. Sua emergência na América Latina, ocorrida na primeira metade do século XX, se deu por meio da ascensão popular e política de líderes (os caudilhos) carismáticos fortes e refratários ao suposto avanço e exploração do imperialismo norte-americano em solo latino. O autor destaca as figuras de Jorge Gaitán na Colômbia e Juan Perón na Argentina, como um dos principais nomes desse populismo, dentre outras coisas, por promoverem discursos com forte tom moralizante, e, no caso de Perón forjar um regime político avesso aos princípios da liberal-democracia.

O olhar de Rosanvallon para casos históricos do populismo nos permite perceber como alguns ingredientes do *modus operandi* populista não são tão exclusivos da cena política contemporânea, como muitos cientistas sociais supõem. E ainda nessa seara, ao tomar uma variável histórica como parte de sua pesquisa, o autor lança luz à necessidade de construir análises que não se pautem exclusivamente pela contingência ou pelo imediatismo, mas que levem em conta a historicidade do conceito em questão.

Dito isso, Rosanvallon procura pensar o populismo como parte das indeterminações da democracia. Assim, o fenômeno pode se fazer presente em diferentes formas democráticas, que ele denomina de aporias estruturantes, sendo elas: 1. O povo inalcançável; 2. Os equívocos da democracia representativa; 3. Os avatares da impessoalidade e 4. A definição do regime de igualdade. Em cada uma das aporias é feita uma imersão nos principais aspectos da democracia-liberal, para assim demonstrar, como algumas de suas limitações institucionais e práticas, suscitaram uma democracia polarizada que em diferentes graus, tende a repelir formas intermediárias de poder, sendo os populismos uma dessas facetas. Nesse caso, mais uma vez, o trabalho de Rosanvallon serve de alerta aos teóricos e pesquisadores que acriticamente pensam o liberalismo político como imune a qualquer anomalia institucional.

O terceiro e último capítulo é dedicado ao que o autor chama de *crítica*, sobretudo das teorias que tentam fundamentar o populismo como um caminho político viável. Rosanvallon aponta os problemas de uma premissa populista amparada na ênfase aos referendos e plebiscitos, demonstrando seus limites no que se refere a uma factível realização democrática. Sua crítica se dirige também ao aspecto polarizante das perspectivas democráticas simpáticas ao populismo, apontando os perigos do modelo schmittiano de político, amplamente advogado por teóricos como Laclau e Mouffe. Além disso, Rosanvallon pondera que a democracia é e deve ser algo que perpassa o momento eleitoral, e demonstra como instituições intermediárias, como cortes constitucionais e parlamentos, amplamente atacadas por populistas, representam mais do que meras expressões do modelo liberal, afinal, constituem um elemento garantidor para o povo de possíveis excessos dos governantes.

Essa crítica contundente, seguindo a abordagem de Rosanvallon, fundamenta não apenas o capítulo final, que propõe a compreensão de que a democracia, a soberania popular e as instituições liberais não devem ser simplificadas, mas sim compreendidas em sua multiplicidade. Por natureza, esse regime é incessante em formular perguntas e se impor desafios. Mas, principalmente, ela chama a atenção das Ciências Humanas de maneira geral para o fato de que a busca constante por um modelo democrático ideal envolve a compreensão da heterogeneidade da vida social. No caso do populismo em específico, a rica reflexão empreendida pelo autor ao longo do trabalho, além de enriquecer o arsenal metodológico de compreensão do fenômeno, fornece uma importante contribuição a teoria democrática contemporânea ao conjugar campos do conhecimento como história, sociologia e teoria política. E por fim, seu trabalho, ao manter um rigor conceitual, oxigena a literatura que atualmente pensa as crises da democracia.

Recebido: 28 setembro 2023

Aprovado: 20 outubro 2023